

## História

### Walmir Maia de Albuquerque

#### História completa

#### IDENTIFICAÇÃO

Meu nome é Walmir Maia de Albuquerque, nascido no dia quatro de março de 1959. Porto Velho, Rondônia. Meu pai é natural de Castanhal, no Pará. E minha mãe é do Ceará, da cidade de Sobral.

#### FAMÍLIA

##### Ferrovário da Madeira-Mamoré

Meu pai era da antiga ferrovia, a Ferrovia Madeira-Mamoré, era ferrovário. As histórias do meu pai eram muito interessantes. Que naquele tempo era a época da ditadura, aquele negócio, foi um regime muito forte. Então ele me contava bastante, que as coisas que aconteceram eram muito rígidas. Se você fazia uma coisa errada, automaticamente era punido por aquilo. Então ele me contava que uma vez ele foi contra uma certa ordem que veio do Estado. Ele era de um partido meio assim, um partido político, e que ele foi de encontro àquilo. Então puniram ele. Então mandaram ele para trabalhos forçados. Ele me contava muito bem que foi fazer capina com um tipo D.D.T. um certo agrotóxico muito forte. Então isso aí foi uma das coisas que ele me contou. Então após todos esses acontecimentos com meu pai, ele começou a ter problemas pulmonares. Nós estávamos em Porto Velho, e como ele era paraense, o médico lá aconselhou para ele vir morar no Pará por causa do clima, que era muito melhor, mais saudável. Porto Velho ou é frio demais, ou é muito quente. Então, voltamos para o Pará que é a terra dele.

#### EDUCAÇÃO

Então no Pará fomos crescendo, lógico, fomos estudando. E eu fui para a Escola Técnica Federal do Pará, onde fiz o curso de estradas. Fui me aperfeiçoando. Já estudando, paralelamente eu trabalhava numa empresa de engenharia, a Etapa Engenharia, que prestava serviço para o Estado, para o antigo D.E.R. Departamento de Estradas de Rodagem.

#### E.F. CARAJÁS

##### Terraplanagem

E foram surgindo empregos, principalmente para a Estrada de Ferro Carajás, que era na época a menina dos olhos de todos nós da região aqui. Todo mundo queria saber o que era a ferrovia, o que era aquilo. E como eu estava me formando em estradas, foi bastante interessante vir trabalhar na Estrada de Ferro Carajás. Então, assim que me formei, eu fiz um concurso em Belém pela Castro Almeida, uma construtora que estava prestando serviço para a Vale. Então eu fiz o concurso, passei e vim trabalhar num trecho ali que fica após Santa Inês. E após esse aí passei três anos na mesma empresa, fazendo trabalhos de terraplanagem na parte de escritório, desenvolvendo os projetos, acompanhamento, toda essa parte de terraplanagem, drenagem, no quilômetro 334. E após o término do nosso trecho, já era praticamente a conclusão da ferrovia, quase no início de 85. A ferrovia foi inaugurada em 85.

##### Engevix

Então chegando nas proximidades, isso era 83 ainda, quando foi concluindo, teve uma empresa chamada Engevix, que era uma gerenciadora da Vale que estava contratando técnicos já com conhecimentos na ferrovia e que gostariam de ingressar na gerenciadora. Em 83 eu ingressei na Engevix, já prestando serviço de gerenciamento na parte de superestrutura. Já era na parte de lançamento dos trilhos, na equipe de engenharia da Engevix. Então passei de 83 a 85. Em 85 nós concluímos, chegamos com a ferrovia em Carajás.

## ENTRADA NA CVRD

Logo após essa conclusão foi que a maioria dos técnicos retornaram para São Luís. E aí eu ingressei na Companhia Vale do Rio Doce em junho de 86, após terminada a ferrovia, quando todos os técnicos, pelo menos a maioria, voltaram para São Luís e foram admitidos na Companhia Vale do Rio Doce em 86.

## ATIVIDADES PARALELAS

### Olimpíadas 87: Incidente policial em Parauapebas

A gente participava do futebol, sempre gostamos de praticar o esporte. Então nós criamos o time de futebol da nossa equipe de engenharia. A nossa equipe chamava-se Colméia. Uma equipe muito forte, deu muito trabalho. Era muito unida, essa equipe fez nome na ferrovia. Então, a história foi que uma vez nós fomos jogar em Parauapebas. Era uma Olimpíada da Vale, nesse período aqui em 87, e correu tudo bem. Jogamos. O jogo foi excelente, foi uma partida muito boa. O jogo no primeiro tempo estava três zero para a gente. Mas no segundo aconteceu o inverso. Nós perdemos de quatro a três. O time de lá era muito bom. Então toda aquela euforia, terminou o jogo, nós fomos para o hotel. Nessa época todo mundo gostava de tomar uma cervejinha. Temos um colega chamado Cardoso, ele sempre foi brincalhão, brincava sempre e era o que gostava mais de uma cervejinha. Então, assim que entramos no hotel, que todo mundo tomou banho, e estava se aprontando para tomar cerveja, ele chega pegando a gente já, e jogando dentro do carro. ?Vamos tomar cerveja.? Eu pequenininho, ele me pegou, colocou dentro do carro, ele era muito forte. ?Vamos.? Aí pegou mais outros lá. Saímos. Fomos para o bar. Chegando lá, nós éramos mais ou menos uns dez. Pedimos uma cerveja, e chegou a equipe da polícia, o exército, com metralhadora e tudo. Quem tem documento, quem não tem para cá, aquele negócio todo. Aí, tem um colega nosso muito engraçado, o Assis, ele estava no banheiro, quando ele vem gritando: ?Ah, eu também não tenho.? Aí o sargento disse: ?Você para cá logo. Você já é um que vai ser preso.? Aí, quando eu passo a mão no bolso para pegar meus documentos, também estava sem documento. E o Cardoso também. Aí o sargento: ?Não, vocês três aqui vão logo para a cadeia, vão logo para a delegacia para começar a atuar.? Aí foi aquela coisa toda, ainda bem que estava o nosso colega, o finado Carlos e tinha o Dário que era o administrativo lá, que falou com o sargento, que explicou que as pessoas que estavam ali eram profissionais, eram formadas, eram da Companhia, mas o sargento não quis acordo. Ele queria nós três. Éramos dez contra três soldados, mais o sargento, só que eles estavam com o fuzil. Aí o pessoal: ?Não, se for os três, vão também os dez, vai todo mundo para a delegacia.? Então aquilo nos marcou, porque aí foi todo mundo para a delegacia, aquele monte de gente, todo mundo doido para tomar cerveja e nada de tomar cerveja. Aí o sargento lá já mandando atuar todo mundo, que aquele negócio não podia, que é uma cidade muito violenta. Naquela época, em 87, Parauapebas era uma cidade muito forte depois de Serra Pelada, aquela coisa toda. Então é uma cidade que você tinha que entrar realmente todo documentadinho, tudo certinho, tudo bem arrumado. Então após várias conversas lá na delegacia, que era até de madeira, toda assim, e após várias conversas com nosso administrativo, tudo, ele convenceu o sargento que não precisava daquilo. Aí foi todo mundo buscar o documento no hotel, com hora marcada para voltar. Então nós tivemos que correr, tomar a cerveja e voltar rápido. Então isso aí. Não abrimos mão da cerveja, mesmo quase indo para a cadeia. Depois voltamos, tomamos mais umas duas cervejas e pegamos nosso trem de volta para São Luís.

## VALORES DA CVRD

Acho que a mensagem é que nós, que estamos na Vale a tanto tempo, de 81 para cá são 21 anos, desejamos é que todos continuem com dedicação, com euforia, com toda a garra. E que nós continuemos também com toda essa vibração. Essa nossa companhia é muito forte. E nós estamos aqui para um dia contar as histórias relacionadas com todas as tecnologias que estão sendo desenvolvidas, continuamos dentro da empresa acompanhando essa evolução, essa tecnologia, com força e vigor, cada dia mais. Inclusive nós estamos nos formando em Administração e Marketing justamente para isso, para dar mais força para empresa crescer cada vez mais.